

O PENSAMENTO ADULTO E O PENSAMENTO ADOLESCENTE LIMITES E ALCANCES DA TEORIA DE THOMPSON E BERGER

Ana Cristina Guimarães Vinci

Instituto Meta de Educação, Pesquisa e Formação de recursos humanos -IMEPH-

ana.cristina.vinci@gmail.com

RESUMO

O presente trabalho busca oferecer uma abordagem que desmitifique o processo de aprendizagem na idade adulta. Para isso, se realiza um percurso por aportes de teorias psicológicas que permitam compreender diferentes linhas de desenvolvimento durante a idade adulta, especialmente os estudos de R. Thompson e K. Stassen Berger sobre o pensamento adulto e o pensamento adolescente, destacando seus limites e alcances. Também se apresenta uma proposta superadora que reúna psicologia e sociologia com o objetivo de promover uma reflexão ampla que destaque a época contemporânea e sua influência no desenvolvimento cognitivo. Neste sentido, foram analisadas entrevistas em profundidade realizadas a quatro sujeitos, tentando confrontar os elementos teóricos com os dados empíricos.

PALAVRAS-CHAVE

Pensamento adulto, pensamento adolescente, maturidade, sociedade contemporânea, proposta superadora.

INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como objetivo analisar, a partir da realização de entrevistas a quatro sujeitos, a maneira que se plasmas –ou não– nos discursos empíricos, os distintos enfoques que propõem R. Thompson e K. Stassen Berger sobre o pensamento adulto e o pensamento adolescente.

Independente da idade se buscou analisar em que medida em seus discursos se podem evidenciar as formas típicas de um pensamento adulto. No livro *Psicologia do Desenvolvimento: Adulter e Velhice*¹, se diferencia o pensamento adulto do adolescente nos

¹ Todas as traduções são próprias.

seguintes aspectos: os adolescentes tendem a “extrair verdades universais de suas experiências pessoais e têm a tendência a pensar as soluções para os problemas do mundo em termos absolutos” (R. Thompson y K. Stassen Berger, 2001: 26); enquanto que os adultos, dadas suas experiências de vida, tendem a não pensar somente em termos objetivos, mas incorporam a dimensão subjetiva, ao tempo que admitem as incoerências ao “perceber que a maioria das respostas que se dão na vida são provisórias em lugar de necessariamente duradouras”, desenvolvendo assim um pensamento pós-formal (IBID).

Desta forma, a partir da análise das entrevistas e estudando os alcances e limites das teorias de R. Thompson e K. Stassen Berger, se buscou realizar uma proposta superadora. Assim, reconhecendo as virtudes dessas teorias, se tentará pensar de que forma se pode ampliar o conhecimento sobre esses temas, tendo em conta uma perspectiva que incorpore a dimensão social e política da época em que vivemos.

METODOLOGIA

Para o bom desenvolvimento deste trabalho foram realizadas entrevistas em profundidade a quatro sujeitos: uma estudante de 17 anos –*Brena*–, um tatuador de 29 anos –*Santiago*–, uma licenciada do IFCE do curso de Letras, de 33 anos –*Fernanda*– e um aposentado de 72 anos –*Manuel*–.

O eixo principal que orientou as entrevistas foi a indagação acerca da concepção que cada um dos entrevistados tinha sobre a maturidade em general e sua própria maturidade em particular. Desta maneira, não se buscou definir se cada um deles tinha um pensamento adulto segundo suas próprias categorias, mas analisar desde a teoria suas respostas e concepções sobre a maturidade. Isto é, estudar tanto o conteúdo do que dizem como também a própria forma de seu raciocínio. Deste modo, foi possível identificar limites e alcances dos aportes teóricos em contraste com os fenômenos empíricos mediante a análise do discurso.

DISCUSSÃO: ANÁLISE DAS ENTREVISTAS

Pensamento dialético

Uma das características principais do pensamento pós-formal é seu caráter dialético, que “implica a integração constante das crenças e experiências de um com todas as contradições e incoerências que encontramos” (IBID: 28), constituindo-se assim, como a forma mais avançada de cognição.

Manuel demonstra ter um pensamento claramente dialético porque nunca fica com as afirmações do senso comum, mas as questiona através de sua própria experiência, pondo em dúvida aquela afirmação e elaborando, dessa maneira, uma síntese. A modo de ilustração, para responder a pergunta de se ele se considerava maduro, ele não ficou com a noção do senso comum que seria afirmar que por sua idade ele deveria ser maduro, mas questionou essa afirmação: “Pensei que com a idade me viria a maturidade, mas, ao contrário, me sinto filho dos meus filhos [...] Antes, quando me casei me considerava maduro, agora penso que voltei a meninice, que estou ficando verde novamente”.

Brena, a diferença de Manuel, não tem tão desenvolvido o caráter dialético de seu pensamento. Isso se evidencia em que, no lugar de contrastar seu senso comum com a própria experiência, toma os elementos dos acontecimentos pessoais e os transforma em “verdades universais” (Ibid.: 26), o que é característico do pensamento adolescente. Por exemplo, ela absolutiza o fato da solidão e a transforma em uma característica própria da pessoa madura. Pelo fato dela ser uma pessoa solitária, quando se pergunta sobre as características do maduro responde dizendo que elas são as próprias de “um valente, um solitário”.

Em compensação, Santiago manifesta uma postura dialética, porque no lugar de converter em absolutas suas experiências as põe em questão, produzindo mudanças não só no seu discurso mas também no seu próprio comportamento. Isso se faz evidente na sua definição de pessoa madura, dando conta de como passou de uma forma irreflexiva de reações a um tipo de respostas mais tranquilas. Neste sentido, desta maneira definiu uma pessoa adulta: “Alguém que não aumenta a voz para expressar algo, um que fale com poucas palavras... talvez isso eu tire de mim, que primeiro gritava e não me importava e, atualmente, não faço isso porque as coisas se falam”

Outro exemplo de pensamento não dialético é o de Fernanda. O caráter universal é característico de seu pensamento e se manifesta nem bem define o que para ela é a maturidade. “Responsabilidade, disciplina, ter palavra, objetivos claros, basicamente isso”. Se bem no caso de Brena que é adolescente e não possui um pensamento dialético e no caso de Manuel, que é uma pessoa anciã e sim possui um pensamento dialético parece se cumprir a relação desse tipo de pensamento com a idade, no caso de Fernanda da conta de que o pensamento dialético não é típico das pessoas adultas, mas que pode apresentar tantos pensamentos dialéticos como o de Santiago ou não dialéticos como o dela mesma.

Universidade e pensamento pós-formal

A idade não é o único fator que pode chegar a determinar o desenvolvimento de um pensamento pós-formal. Um dos problemas que abordam R. Thompson y K. Stassen Berger é a determinação de se a experiência universitária contribui –ou não– a seu desenvolvimento. A conclusão a que chegam é que “a educação universitária [...] aumenta a flexibilidade e os recursos de suas capacidades de raciocínio” (Ibid.: 35) e desta maneira contribui ao desenvolvimento do pensamento pós-formal. Neste sentido, nos resultará interessante analisar as entrevistas de Manuel e a de Fernanda para contrastar com aquela afirmação.

Manuel não chegou a ter experiência numa universidade e no entanto, é inquestionável que seu discurso demonstra uma forma avançada de desenvolvimento cognitivo, justamente, na relação que estabelece entre o pensamento adulto e a universidade. Paradoxalmente Manuel questiona o conhecimento dos “estudantes universitários de hoje em dia” e a onipotência da universidade como instituição de saber. Especialmente ao afirmar que, para ele não existe relação entre um pensamento cognitivo desenvolvido e a formação universitária. “Não creio. Nenhuma universidade te da o que não tens dentro. Eu estudo, leio os jornais, sei falar sobre política, tenho minhas convicções, me manejo melhor que muitos formados”.

Por outro lado, Fernanda, licenciada da faculdade de Letras do IFCE se bem parece questionar a universidade como instituição de conhecimento não consegue plasmar a ideia em um discurso como o realizou Manuel. O que Fernanda destaca é que a universidade é eficiente sempre que a pessoa se responsabilize e que a responsabilidade justamente, é uma forma de conhecimento associada a este tipo de saber universitário. Assim não se realiza uma verdadeira relação dialética nem oposição ao saber universitário, mas a universidade é universalizada como a única forma de acesso ao

conhecimento –sempre e quando se seja responsável–. Em palavras de Fernanda: “Na universidade depende muito de você. Se você não estuda, se você não se inscreve, se você não sabe quando são os exames, depende mais de você” .

Nestes dois casos não se aplica a afirmação dos autores porque Fernanda que tem experiência universitária não tem desenvolvido o pensamento pós-formal, enquanto Manuel que não tem uma experiência universitária o desenvolveu.

A fé e o desenvolvimento cognitivo

Outro aspecto no que se baseia o desenvolvimento do pensamento cognitivo adulto, segundo R. Thompson e K. Stassen Berger, é a forma de professar a fé. Para estes autores “a medida que uma pessoa tem mais experiência em sua tentativa de reconciliar a religião com a vida diária, sua fé pode chegar a níveis mais altos” (Ibid.: 32), estabelecendo seis níveis (*a fé intuitivo-projetiva, a fé mítico-literal, a fé sintético-convencional, a fé individual reflexiva, a fé conjuntiva*). Segundo este critério se pode analisar as respostas de Manuel, Santiago e

Fernanda sobre a religião, tratando de determinar em que fase se encontram.

Manuel, embora se considera católico, crê em Deus de uma forma independente da religião. Segundo os referidos autores, a fé conjuntiva “incorpora tanto as ideias inconscientes [...] o amor de Deus com os valores racionais, conscientes [...] e se caracteriza pela vontade de aceitar contradições” (Ibid.). Neste sentido, Manuel parece alcançar a quinta fase da fé –a *conjuntiva*. Dado que está “aberto a verdades novas” (Ibid.: 33). “Olha quem inventou a religião foi os homens. Deus é anterior as religiões. Um vê qual religião se adequa mais, ou porque toda família segue. Porém Deus mesmo é um mistério”.

Fernanda também se considera católica e destaca algumas contradições, porém distintas das de Manuel. Neste caso, a contradição se vincula com o lado pessoal, –sua fé depende das circunstâncias–. Tanto é assim que em determinados momentos de sua vida se aproxima de Deus, enquanto que, em outros se distancia. Isto é, parece tratar-se de uma fé *convencional*, que “valoriza o que um sente que está bem, mais que o que tenha um sentido intelectual” (R. Thompson y K. Stassen Berger: 32). Assim se expressa Fernanda: “É difícil para mim e me dei conta que antes rezava todas as noites e agora cada vez menos. Porém, quando estive grávida me aproximei de Deus. Ou seja, se me passa algo que me supera, que eu não possa controlar ou dominar, me lembro e peço a Deus que saia tudo bem. Depois, para todos os outros dias de minha vida não.

Santiago, a diferença dos outros dois entrevistados, não se considera praticante de uma religião específica. Porém, em seu discurso se pode apreciar que professa uma fé “nos distintos mestres da vida”, que para ele não são necessariamente docentes, mas pessoas com quem obteve distintas aprendizagens. Neste sentido, Santiago se aproxima da *fé individual reflexiva* que, segundo os autores, “se caracteriza pelo distanciamento intelectual dos valores da cultura e da aprovação de outras pessoas importantes” (Ibid.: 32). Isto é, para Santiago, sua forma de professar a fé “deixa de ser uma questão de aceitação da ordem normal das coisas e no seu lugar se converte em [...] um estilo de vida diferente do de muitas outras pessoas” (Ibid.). Em palavras de Santiago: “Distintos mestres da vida. Não sabia dizer-te bem quem. Não sou católico, assim que não posso dizer que foi um Deus. Porém, distintos mestres, distintas aprendizagens que fui tendo na vida que me indicaram um caminho [...] Também me deram valores humanos”.

Neste caso existe uma correlação entre os níveis da fé e o desenvolvimento cognitivo. Tanto é assim que Fernanda, que em muitas respostas demonstra um desenvolvimento cognitivo semelhante ao de um adolescente, tem uma fé que pode localizar-se na terceira fase, enquanto Santiago e Manuel, que demonstraram um maior desenvolvimento cognitivo, alcançam fases mais elevadas na profissão da fé.

Os acontecimentos da vida e o pensamento adulto

Os autores também atribuem o desenvolvimento cognitivo as experiências da vida. Isto é “a interação entre o pensamento e a experiência, entre a lógica da inteligência operativa formal e os desafios, as vezes erráticos e confusos da vida diária [...], podem impulsar os adultos a estilos de pensamentos novos e pós-formais” (Ibid.: 40).

No caso de Manuel se pode relacionar o desenvolvimento dialético de seu pensamento com o importante acontecimento que foi para sua vida a migração do campo a cidade. Muitas verdades que para ele estavam fixas, por essa viagem, foram postas em questão e o levaram a desenvolver este tipo de pensamento. Dado que essa viagem o introduziu em um mundo novo, moderno, globalizado e com um desenvolvimento de todo tipo de tecnologias que, como qualquer outra pessoa é impossível de dominar. “Porém isso foi culpa de minha mulher, que me fez abandonar o interior que sinto saudade até hoje”.

O acontecimento que parece haver determinado o pensamento de Brena foi a separação de seus pais, dado que desde então sua mãe passa todo o dia trabalhando, enquanto ela, por ter que ficar em casa sozinha, teve que

desenvolver mecanismos para conviver com a solidão. Segundo ela: “Não sei. Fico muito tempo só, minha mãe sai para trabalhar desde que se separou e eu fico em casa, então aprendi a estar só”.

O acontecimento fundamental que se desprende do discurso de Santiago foi a aparição em sua vida de uma pessoa. Segundo ele, tanto suas ações como sua forma de pensar mudaram a partir de que começou a trabalhar com Diego. “Diego era o dono de uma loja em que eu trabalhava. Ele me ensinou muitas coisas administrativas. Talvez sem querer. Porém me ensinou a trabalhar de determinada maneira que me fez aprender e a partir daí, chegar até aqui”.

O acontecimento que parece ter afetado a forma de pensamento de Fernanda, segundo se pode observar na entrevista, foi a maternidade, que lhe gerou um forte senso de responsabilidade. Ela considera que uma pessoa madura é aquela que tem responsabilidade e por isso a disciplina, o trabalho, a família e a idade são questões que contribuem para a maturidade. Para ser maduro tem que cumprir com o dever, por tanto, segundo ela, todo indivíduo tem que estar atento com o que pode suceder ao seu redor. Quem não consegue será imaturo.

A análise das entrevistas colocou de manifesto que, se bem os acontecimentos da vida marcam o desenvolvimento da forma de cognição, não necessariamente isso se traduz no desenvolvimento do tipo de pensamento pós-formal. Por exemplo, percebe-se que, no caso de Brena e Fernanda, estes acontecimentos não se traduziram em um desenvolvimento do pensamento dialético, mas que contribuíram para estreitar um tipo de pensamento adolescente.

Aprendizagem e idade

R. Thompson e K. Stassen Berger, no capítulo 5 do livro, *Psicologia do Desenvolvimento: Adulter e Velhice*, relacionam idade e desenvolvimento cognitivo, abordando a problemática de se a capacidade cognitiva diminui com a idade adulta, dado as mudanças nas faculdades biológicas. As conclusões as que chegam são que, embora seja certo que “as mudanças biológicas e de percepção que acompanham o envelhecimento podem conduzir ao declínio da capacidade intelectual” (Ibid.: 99), também é certo que na adultez se desenvolvem fatores como, por exemplo, as experiências de vida, que podem motivar o desenvolvimento de habilidades significativas para um pensamento dialético. Deste modo planteiam que a “inteligência pode ser bastante

elástica ao longo da vida e que se molda com a saúde, a educação, as experiências de vida e a atividade intelectual (Ibid.).

Nas entrevistas se perguntou aos entrevistados sobre as dificuldades da aprendizagem na idade adulta. Neste sentido, é muito interessante a resposta de Santiago, quem em um primeiro momento parece relacionar a aprendizagem com a vontade, porém logo se corrige. “É questão de prestar atenção e a vontade que se tem, mas pensando bem... não... é difícil. Penso que pelo tempo, ou seja, de menino o único que fazes é estudar, agora eu vinha pedalando pra cá e tratava de tirar da cabeça as coisas do trabalho e pensar nas coisas que vejo na escola”.

Isto é, as respostas de Santiago em nenhum momento põem ênfase nos problemas de compreensão cognitiva, parece evidenciar as situações *práticas* da vida, dando conta de que a inteligência prática é, como dizem os autores antes citados, um importante aspecto a ter em consideração no estudo do desenvolvimento cognitivo na idade adulta, dado que é um fator “para a resolução dos problemas da vida cotidiana” (Ibid.: 107).

O discurso de Brena, em compensação, não põe ênfase na experiência prática, mas evidencia uma relação entre idade e desenvolvimento cognitivo intelectual. Segundo ela, o passar dos anos parece derivar também em um acúmulo de conhecimentos. “Se eu tivesse 30 anos não iria me considerar madura com os conhecimentos que tenho, mas, olhando as meninas e meninos da minha idade eu sou muito madura”.

No discurso de Manuel, a idade está relacionada com a perda do domínio do mundo. Não se trata de uma incorporação da experiência, é quase uma perda. Tanto é assim que, segundo ele, tem mais experiência seus filhos que ele mesmo. Porém, apesar de seu discurso ter correspondência com o que planteiam alguns psicólogos do desenvolvimento, na realidade, ao criticar o próprio desenvolvimento de seu pensamento e com os mecanismos cognitivos que utiliza para chegara a estas conclusões, demonstra possuir um discurso típico de um pensamento dialético. “Pensei que com a idade me viria a maturidade, mas, ao contrario, me sinto filho de meus filhos”

A análise das entrevistas avala o que defende os autores ao dizer que a idade não implica necessariamente um declínio, mas que “os adultos ganham e perdem capacidades mentais ao longo da vida” (Ibid.: 114). Essas perdas e ganancias não se relacionam estritamente com a idade, mas dependem mais “das circunstancias particulares da pessoa, como a saúde e o contexto social” (IBID).

CONCLUSÃO: PROPOSTA SUPERADORA

O modelo proposto por R. Thompson e K. Stassen Berger, em muitos aspectos é certo, especialmente na definição de um tipo de pensamento pós-formal, dialético. Como se percebeu na análise das entrevistas, a teoria se reflete em alguns aspectos dos discursos. Porém, por outro lado, existem limitações, muitas características que não podem ser explicadas. Parece que o principal problema é o fato de que não dão uma importância significativa ao contexto social das pessoas, deste modo não se problematiza as lógicas de funcionamento da globalização da sociedade atual, nem destacam o desenvolvimento da Modernidade e seus processos políticos, que também são mecanismos que se introduzem na subjetividade. Ou seja, os autores relacionam o desenvolvimento cognitivo fundamentalmente em base aos fatores biológicos, ou nas experiências particulares dos sujeitos. Neste sentido, poderia ser interessante introduzir uma análise da época em que vivemos e uma reflexão sobre como isso pode influenciar no desenvolvimento cognitivo.

S. Bauman, em *Modernidade Líquida*, manifesta as mudanças da sociedade atual, utilizando a metáfora do líquido para caracteriza-la. Nesta sociedade “fluida” e “líquida” (S. Bauman, 2004: 31) é possível que se motive o desenvolvimento de um pensamento pós-formal, capaz de adaptar-se ou de questionar as inseguranças típicas desta época. No caso de Manuel, a renúncia a seus grupos de referência e sua ligação com a terra o introduziram em uma sociedade cujos laços podem definir-se da forma que faz Bauman. Segundo o autor, “saímos da época dos grupos de referência (ibid. : 13), e isso é o que viveu Manuel, embora seja certo que não se possa dizer que ele se adaptou a vida cotidiana, dado que ainda se lamenta da migração, e continuamente questiona o rumo dos acontecimentos.

No caso de Santiago se pode fazer uma análise similar a de Manuel. Se bem não se trata de um indivíduo dócil, facilmente adaptável ao sistema, se pode encontrar em seu discurso uma característica típica da sociedade atual: a necessidade de capacitar-se. Essa lógica de poder causa em Santiago uma necessidade de aprender inglês para estar no nível dos demais e desenvolver-se no seu trabalho.

No caso de Fernanda, com seus valores moralistas, baseados na família e em seu trabalho fixo de professora de idiomas, ela pôde desenvolver um tipo de pensamento mais formal, que não só é mais objetivo, mas que é típico de uma época que Bauman denomina *Modernidade pesada*.

Segundo S. Bauman a sociedade que vivemos se caracteriza por uma maior vulnerabilidade laboral. Desta maneira, o pensamento pós-formal parece adaptar-se melhor as circunstancias. Embora isso não signifique que o pensamento pós-formal seja necessariamente um pensamento adaptável dado e dócil já que pode derivar também no desenvolvimento de um caráter genuinamente crítico.

Por isso aqui se sugere como uma proposta superadora incorporar ao análise de Berger e Thompson a dimensão histórica, social e política que podem enriquecer a análise dos processos de cognição dos adultos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAUMAN, Zygmunt. *Modernidad Líquida*. Buenos Aires: F. C. E., 2000.

BERGER, Kathleen; THOMPSON, R. *Psicología del Desarrollo: Adulter y vejez*. Buenos Aires: Editorial Médica Panamericana, 2009.